

## Editorial

A conquista dos direitos das mulheres sempre esteve associada à organização e luta feminina. Vivemos em um momento no qual direitos historicamente conquistados estão sob ameaça e investimentos em políticas sociais têm sido considerados como gastos a serem reduzidos.

Nesse contexto, as reflexões sobre a temática Gênero, Ciência e Tecnologia revelam-se ainda mais importante, pois permitem desvendar e evidenciar um pouco mais dessa realidade.

O periódico Cadernos de Gênero e Tecnologia (CGT), nessa perspectiva, tem se constituído em um espaço de divulgação de estudos que discutem e apresentam reflexões sobre as conquistas das mulheres, da população LGBT, bem como possíveis retrocessos nessa trajetória.

Este número dos CGT apresenta artigos diversificados que evidenciam a característica desta publicação, localizada na área dos estudos interdisciplinares. Estudos de gênero e tecnologia são, por excelência, instigadores e desafiadores. Divulgar esses estudos e democratizar o acesso às pesquisas nessa área de conhecimento é o que os CGT se dispõem a fazer.

Nessa perspectiva, apresentamos o número 34 dos CGT que traz cinco artigos e a entrevista. O primeiro texto é de autoria de Kaciane Daniela de Almeida, Lucas Bueno de Freitas e Nanci Stancki da Luz com o artigo intitulado *Preconceito e discriminação: a vivência de cursistas do GDE* no qual apresentam uma reflexão sobre a experiência de um curso de formação de professores realizados pelo Núcleo de Gênero e Tecnologia (GeTec) nos anos de 2013 e 2014. O estudo está baseado em um questionamento feito às participantes do curso Gênero e Diversidade na Escola, no qual se buscava verificar situações de desrespeito e discriminação nas escolas. As participantes da pesquisa revelaram que, a partir das discussões propiciadas no curso, puderam perceber mais nitidamente tais situações em seu cotidiano. As/o autoras/r enfatizam “que o GDE contribui para o reconhecimento da diversidade no ambiente escolar, bem como para a redução da discriminação e do preconceito.” Destacam a necessidade de fortalecer ações para que o cotidiano escolar possa ser modificadas e as situações de preconceitos e discriminação possam ser minimizadas.

O artigo *Memória, gênero e prática docente: enlaces e destaques na formação de educadoras* das autoras Fernanda Sanjuan de Souza e Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes é o segundo artigo e no qual se apresenta uma análise, baseada nos memoriais de conclusão de curso das estudantes de pedagogia de uma universidade baiana, sobre a menção sobre professoras que fizeram parte de suas trajetórias escolares. As autoras concluem que a maioria das formandas pesquisadas fez menção a alguma professora que foi importante em sua trajetória escolar, destacando, todavia, que essas menções dizem mais respeito a lembranças comportamentais do que pedagógicas. Este estudo revela ainda que “as referências a características físicas e comportamentais das educadoras que consideraram marcantes, como única ou principal forma de lembrança dessas profissionais, devem ser desencorajadas, pois impulsionam discursos dominantes machistas e distanciados de seu real papel formativo.”

No terceiro artigo, contamos com a contribuição de Lindamir Salette Casagrande e Ângela Maria Freire de Lima e Souza sob o título *Contrastes e similaridades: um olhar de gênero sobre Cursos de Engenharias e Licenciaturas da UTFPR e da UFBA*. As autoras apresentam uma parcela dos resultados de uma pesquisa realizada com estudantes de engenharia e licenciatura de duas universidades federais brasileiras e na qual buscavam analisar a presença masculina e feminina nos cursos pesquisados. Segundo as autoras, os homens ainda constituem a grande maioria nos cursos de engenharia; nas licenciaturas, o quadro é variável, pois se, no curso de Letras, as mulheres representam a grande maioria,

já no curso de Matemática, esta proporção é variável. As autoras destacam que os números encontrados nesta pesquisa convergem para o cenário nacional que apontam que as engenharias permanecem um reduto masculino. Embora as duas universidades pesquisadas estejam localizadas em regiões com culturas distintas, com base nos “dados quantitativos das duas universidades podemos encontrar mais similaridades do que contrastes.” Concluem afirmando que embora é possível perceber que “a Licenciatura em Letras se mostra mais acessível e interessante às mulheres do que a Licenciatura em Matemática. E a Engenharia Civil atrai mais mulheres do que a Engenharia Mecânica” se faz necessário o desenvolvimento de outras pesquisas para que se possa identificar as razões para este fato.

Na sequência o artigo de Nadia Veronique Jourda Kovaleski e Cintia de Souza Batista Tortato sob o título *Reflexões sobre as origens das desigualdades de gênero: a teoria da valência diferencial dos sexos de Françoise Héritier* no qual as autoras questionam a origem das desigualdades entre homens e mulheres. As autoras trazem uma reflexão sobre a reprodução humana e o papel das mulheres e dos homens, a partir da teoria de Françoise Héritier. O artigo revela que “As mulheres são vistas na maioria das sociedades humanas como recurso para os homens se reproduzirem”, mas que a desigualdade não é um fato natural, mas um fato construído. Com o avanço da Medicina e o advento dos métodos contraceptivos, a mulher passa a ter domínio sobre os seus corpos e determinar se querem ou não ter filhos, porém “Em muitas regiões do mundo, mas também perto de nós, entre nós, homens continuam a encarcerar mulheres na ignorância e submissão para controlar ainda e sempre, seu privilégio de procriar.”, revelando que os direitos das mulheres estão em constante ameaça.

O quinto artigo deste número é de autoria de Andressa de Freitas Ribeiro e se intitula *Gina D’Mascar: a performance do ridículo*. Esse artigo apresenta a drag queen Gina D’Mascar que desenvolve seu trabalho no beco dos artistas, espaço de convivência e socialização do público LGBT em Salvador – BA. A autora nos descreve dois episódios de convivência com esta personagem, destacando que e a mesma tem uma caracterização que tende ao ridículo. Ressalta, ainda que, em sua performance, a artista satiriza a realidade e toca em temas que são pertinentes ao mundo LGBT. Estabelece um paralelo entre a ridicularização da performance com a vida deste público que, muitas vezes, é visto como ridículo por uma parcela da população. O “Beco sempre foi um lugar povoado de personagens ricos para pensar as temáticas de gênero, corpo e sexualidade”, sendo assim, é espaço adequado para a atuação desta personagem. “Parodiar o ridículo é, no entanto, afirmar a sua possibilidade de existência e, ao mesmo tempo, legitimá-lo através do riso. Essa é a grande subversão provocada por Gina D’Mascar.”, conclui a autora.

Para finalizar este número dos CGT apresentamos a entrevista com Marlene Tamanini, professora do Programa de Pós-Graduação de Sociologia da Universidade Federal do Paraná, a qual conta sua trajetória pessoal e profissional bem como um pouco de seus estudos sobre gênero, diversidade sexual e reprodução humana.

Agradecemos as autoras/r que nos brindaram com suas produções para a composição deste número dos CGT. Boa leitura!

Lindamir Salete Casagrande  
Nanci Stancki da Luz  
Coordenação Editorial dos CGT